

MEMÓRIAS DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM MONTE CARMELO – MG: RELATOS DE PROFESSORES APOSENTADOS

Juliani Letícia Azevedo Sousa¹
Tânia Nunes Davi²

RESUMO: A pesquisa foi desenvolvida no município de Monte Carmelo – MG, com o apoio de bolsa de Iniciação Científica da FAPEMIG, visando levantar depoimentos de professores aposentados para reconstituir suas visões de mundo sobre a educação, metodologias e práticas educacionais desenvolvidas ao longo de suas carreiras e relacionando-os com o que vivemos atualmente. Utilizamos como recurso de pesquisa a história oral e a memória das professoras aposentadas acessadas por meio de entrevistas. Foram construídos textos específicos para cada entrevistada, relacionando a sua trajetória profissional, o desenvolvimento educacional da cidade e os acontecimentos nacionais e estaduais que, de alguma maneira, influenciaram positivamente e/ou negativamente todo esse processo. Segundo elas a relação professor/aluno é um via de mão dupla, o professor não está apenas ensinando, mas também aprendendo com seus alunos. Para isso a formação acadêmica e continua do professor é indispensável. Percebemos que as ações e práticas das entrevistadas se misturam com a história da cidade e ainda refletem na educação atual, pois a educação é uma das chaves principais para o desenvolvimento de uma localidade e esse trabalho interfere nas áreas econômica, cultural e social.

PALAVRAS CHAVE: História da Educação; Professores aposentados; Memória.

ABSTRACT: The research was developed in Monte Carmelo town – MG, with support from the Scientific Initiation scholarship of FAPEMIG, aiming at achieving testimony of retired teachers to rebuild their world views on education, educational methodologies and practices over their careers, relating these testimony to what we live nowadays. We used as search resource oral history and memory of retired teachers accessed through interviews. Specific texts were done for each respondent, relating their professional career, the educational development of the town and the state and national events that somehow influenced positive and / or negatively throughout this process. According to them the teacher / student relationship is a two-way road, because the teacher does not only teach but also learn with their students. For this, continuous and academic formation from the teacher is indispensable. We realized that the actions and practices of the respondents mix with the history of the town and have repercussions on the current education, since the education is one of the main keys to the development of a locality, which interferes in economic, social, and cultural areas.

KEY-WORDS: History of Education; Retired teachers; Memory

¹Graduanda do Curso de Pedagogia da FUCAMP. E-mail: juliani.sousa@yahoo.com.br

² Doutora em História para UFU; docente da FUCAMP. E-mail: taniandavi@gmail.com

1. VISLUMBRES DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM MONTE CARMELO – MG: RELATOS DE PROFESSORES APOSENTADOS

A presente pesquisa foi desenvolvida no município de Monte Carmelo – MG, ao longo de 2011 e início de 2012, com o apoio de bolsa de Iniciação Científica da FAPEMIG (Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado de Minas Gerais) visando levantar depoimentos de professores aposentados para reconstituir suas visões de mundo sobre a educação, metodologias e práticas educacionais desenvolvidas ao longo de suas carreiras. A educação faz parte da história de uma cidade, pois o desenvolvimento educacional da população, influencia os setores culturais, econômicos e sociais, acarretando consequências positivas e/ou negativas para toda a comunidade. Quanto mais as pessoas têm acesso a um ensino de qualidade, mais o município se desenvolve e se faz necessário resgatar suas histórias para que as ações e os sujeitos não caiam no esquecimento.

Monte Carmelo é uma cidade interiorana e, como tal, tem em seus educadores formadores de opinião e divulgadores de cultura, mesmo que tais sujeitos não sejam aqueles de melhor condição financeira. Vários educadores, vivos ou falecidos, são lembrados como promotores de uma perspectiva cultural e intelectual que marcaram gerações de carmelitanos e levaram alguns a continuar seus estudos fora da cidade, se tornando profissionais de várias áreas, atuando na localidade ou não. Partindo da perspectiva que todo sujeito tem uma história para contar e dela faz parte ativamente, procuramos resgatar alguns destes personagens e iniciar uma trajetória de construção da história da educação de Monte Carmelo, que não deve terminar com este trabalho, mas se estender por outras pesquisas que tratem do tema.

O objetivo geral desta pesquisa foi promover o resgate das memórias de educadores aposentados sobre sua atuação profissional, teorias e métodos de ensino. Para a construção das reflexões deste projeto, tivemos acesso a discussões que contribuíram para o nosso embasamento teórico nos levando a construir uma relação entre a teoria e a prática, relacionando assim os acontecimentos citados pelos entrevistados com os fatos que aconteciam no plano estadual, federal e mundial e resgatando, desse contexto, vislumbres da história educacional em Monte Carmelo.

Para a construção desta pesquisa utilizamos como uma ferramenta a história oral, pois ela é um procedimento de investigação que possibilitou uma reflexão sobre como a educação se desenvolveu com o passar dos anos e qual é a sua relação com o presente. As entrevistas orais com os educadores norteiam a construção dos textos, o saber docente de

cada entrevistado nos possibilitou a construção de vislumbres sobre o desenvolvimento educacional da cidade. “A história oral é uma metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea. (CPDOC, 2011).” A história oral é um instrumento para o resgate de memórias e da história do tempo presente, na qual os indivíduos de qualquer classe social podem deixar suas impressões sobre os acontecimentos vividos.

Para que este trabalho fosse construído, foi importante a relação de respeito, atenção e profissionalismo entre entrevistado e entrevistador. Monte Carmelo não possui um arquivo bibliográfico sobre este tema, tivemos que começar este trabalho da base, as entrevistas. Fomos recebidas de maneira muito solícita pelas educadoras, em primeiro lugar criamos uma relação de respeito e admiração, por meio da apresentação do projeto para depois darmos início ao processo de entrevistas.

Os dados foram coletados por meio de entrevistas com sete professoras aposentadas que se dispuseram a dar sua colaboração para que partes da história da educação de Monte Carmelo – MG fossem resgatadas e contadas às futuras gerações. Delimitar este universo de entrevistadas e ter acesso às mesmas foi possível graças ao bom nome do Curso de Pedagogia da FACIHUS/FUCAMP junto à comunidade local, o que nos proporcionou uma boa acolhida por parte das professoras aposentadas escolhidas. Este acolhimento nos proporcionou uma rica experiência e propiciou a análise de sua visão de mundo sobre o seu fazer e suas práticas educacionais.

Inicialmente elaboramos um roteiro com perguntas que nos possibilitasse atender alguns dos tópicos que queríamos analisar e para que não nos perdêssemos ao longo da entrevista. Os depoimentos foram colhidos com autorização de cada entrevistada e, posteriormente, transcritos, analisados e, ao final do trabalho, descartados. É importante ressaltar que as entrevistadas fizeram questão que o seu nome fosse divulgado, o que reflete a noção que elas tem da importância de deixar um relato sobre suas experiências como educadoras para as gerações futuras.

2. AS ENTREVISTADAS: QUEM SÃO E O QUE PENSAM

Procuramos, após as entrevistas, fazer uma análise de cada uma separadamente e, depois, de todas juntas para perceber como as entrevistadas se exprimiam sobre determinados temas. Por meio deste processo relembramos o saber docente de cada época

e pudemos relacioná-lo com o que vivemos atualmente. O saber significa que o sujeito em particular incorpora os conteúdos desenvolvidos no seu meio cotidiano para a sua experiência. “O saber é uma relação, um produto e um resultado, relação do sujeito que conhece com seu mundo, resultado dessa interação.” (CHARLOT apud CALDEIRA, 2000, p.61-62).

2.1 Entrevistada 1: Glória Amélia Naves (GAN)³

Nascida em Douradoquara – MG, em 19 de Março de 1947, começou sua escolarização em Monte Carmelo aos 07 anos de idade, na Escola Estadual Letícia Chaves, concluindo seu curso ginasial e o colegial normal no Colégio Nossa Senhora do Amparo, em 1964. GAN dedicou-se a educação por 34 anos, sendo que destes atuou fora da Escola Estadual Dona Sindá somente por 01 ano quando prestou serviços a Superintendência Regional de Ensino. Durante sua atuação foi professora regente de 1^a a 4^a série⁴, supervisora pedagógica e diretora, aposentando-se em 1999.

Durante este período, como uma educadora que buscou excelência em seu trabalho, GAN nunca deixou de se profissionalizar, até mesmo no seu último ano de atuação ela participou de capacitações. Seu esforço e seu amor pela educação tiveram resultados positivos e foram demonstrados durante toda a sua caminhada educacional.

A educadora comenta sobre sua primeira experiência em sala de aula: “Foi assustadora, na época nós, (...) preparávamos um plano, quando ia começar a aula a professora regente sorteava uma das alunas e avaliava seu trabalho com olhos atentos durante todo o dia” e após a aula “se reuniam para discutir os pontos positivos e negativos” de cada uma. (GAN, 2012)

Segundo a entrevistada “os métodos usados na época eram sempre os concretos” (GAN, 2012). O método concreto é quando o professor usa materiais concretos (bola, peças, tampinhas de garrafa, etc.) para ensinar as crianças, principalmente nas séries iniciais. Nessa época não existiam materiais pedagógicos industrializados e isso dificultava muito o trabalho dos professores, era preciso que cada um organizasse e confeccionasse o seu próprio material, o que pode ser considerado um ponto positivo, pois o aluno criava, junto com o professor o material concreto necessário para as aulas. Mesmo com o passar

³ Para instrumentalizar nossa escrita, ao longo do texto, utilizaremos siglas com as letras iniciais do nome de cada entrevistada.

⁴ Hoje 1º a 5º ano do Ensino Fundamental.

dos anos e as mudanças tecnológicas, esse assunto se faz muito importante para a formação da prática profissional do educador. Selbach aponta que “a aprendizagem se produz graças à ação de uma série de processos químicos e elétricos.” (SELBACH, 2010, p.15) isso quer dizer que a aprendizagem é um processo biológico do ser humano, para que ela aconteça de maneira significativa é preciso que seja algo interessante, senão o próprio cérebro a bloqueia por ser considerada “chata”, “sem importância”. O aluno precisa ter prazer em aprender, saboreando cada descoberta. Além da curiosidade, esse método faz com que a teoria estudada se torne mais próxima, pois os alunos estudam na prática, levando a construção de uma relação mais estreita entre professor e aluno.

Sobre a relação entre professor e aluno GAN declara que “era maravilhosa, refletindo o comportamento de proximidade criado em sala por conta da própria metodologia.” A relação com os pais partia de um “sentimento de respeito mútuo” que levava a resolução dos problemas por meio do “diálogo e orientação, principalmente para que eles acompanhassem seus filhos na vida escolar.” O relacionamento com os colegas “era ótimo, fraterno e de solidariedade.” (GAN, 2012)

Ela tinha uma “tática” muito eficaz para conseguir o respeito e a obediência dos alunos, GAN sempre os tratava com muito carinho, elogiava suas qualidades e os orientava para que pudessem melhorar seus “defeitos”, assim as crianças melhoravam de comportamento, pois sabiam que podiam contar com uma amiga e não queriam decepcioná-la. “Os meus alunos tinham dois cadernos de tarefas, todas as vezes que recolhia os cadernos, eu escrevia algum bilhetinho elogiando seu capricho, seu comportamento, ou ainda lhes oferecendo uma frase de apoio.” Por meio destes cadernos ela podia verificar “em qual grau de aprendizagem estavam e onde o meu trabalho poderia melhorar.” (GAN, 2012) A grande meta do seu trabalho era equilibrar o educar e formar pessoas, sem invadir a individualidade de cada um. Paulo Freire (2008), confirma essa posição, quando fala que o educador deve respeitar a autonomia do ser educando.

GAN também fala sobre as mudanças na educação atual e aponta seus aspectos positivos, principalmente no Ensino Superior, com a informática e outras novas metodologias. Já com relação ao Ensino Fundamental demonstra “preocupação quando o assunto é a apresentação dos conteúdos e o esquecimento do uso do material concreto, sem alguns critérios a fixação da aprendizagem pode ficar comprometida.” (GAN, 2012).

GAN, como as demais entrevistadas, fizeram e fazem parte da educação que Monte Carmelo vive hoje, sem o trabalho dessas educadoras não teríamos chegado ao patamar que encontramos atualmente.

2.2 Entrevistada 2: Abigail Davi de Oliveira Souza (ADOS)

ADOS é uma educadora que despertou, por meio da curiosidade, a vontade de aprender de seus alunos. Carmelitana, nasceu no dia 26 de agosto de 1948, aos 07 anos foi matriculada na 1ª série da Escola Estadual Letícia Chaves, na época chamada de Grupo Escolar Letícia Chaves, a partir da 5ª série estudou no Colégio Nossa Senhora do Amparo, no qual cursou o Magistério.

Todos que querem crescer na vida e conquistar seus objetivos precisam se esforçar, no caso de ADOS não foi diferente, quer dizer foi até mais difícil. Para estudar no Amparo, ela teve que dar aulas para os alunos menores, em troca não eram cobradas as mensalidades, seus materiais (cadernos, lápis, borracha, etc.) eram doados por amigos da família, pois não tinham condições financeiras. Por meio dessa experiência o desejo de ser educadora foi despertado e, em 1966, ela conseguiu se formar como professora.

Em 1967, ADOS foi trabalhar na cidade de Romaria, na Escola Santa Maria Goretti, atuando lá por 02 anos. Apesar das grandes dificuldades ela afirma que “foi um período de muita luta e de aprendizado, a luz elétrica não tinha chegado em Romaria e eu preparava os planos de aula a luz de velas ou lamparinas.” ADOS diz ainda que o seu “medo era não realizar um bom trabalho mas, graças a experiência e bondade da diretora da escola na época, que era a Maria das Dores Damasceno, pude fazer meu trabalho com tranquilidade.” (ADOS, 2012)

Outra dificuldade era a falta de materiais didáticos, as professoras improvisavam muito e os alunos ajudavam nessa tarefa. ADOS é lembrada por seus antigos alunos com muito carinho; eles apontam principalmente das aulas de Ciências quando ela levava para a sala uma galinha morta e aberta para estudar os órgãos internos ou um fígado de boi. Muitos relembram também das aulas sobre o eclipse solar quando a sala era deixada no escuro e cada aluno representava um planeta, o sol era uma lanterna. Dessa forma as crianças refletiam sobre o que estavam aprendendo e assim transformavam o que viam em conhecimento já que “esse processo de conhecimento deve partir da prática, buscar elementos teóricos que ajudem a compreendê-la e a ela retornar para transformá-la.” (CALDEIRA, 2002, p.05)

ADOS fala que os recursos eram poucos, mas o interessante era poder contar com a cooperação dos alunos e dos pais. “O respeito pelo profissional da educação era muito grande e as conversas eram em clima de amizade.” Já quanto aos alunos aponta que “a maior parte dos alunos se esforçava para aprender, pois sabiam que só dessa forma poderiam mudar de vida, só aqueles que tinham melhores recursos financeiros conseguiam continuar os estudos.” (ADOS, 2012)

Retornando a Monte Carmelo, atuou por 24 anos nas séries iniciais e por 09 anos como auxiliar de secretaria, neste período também trabalhou na Biblioteca da Escola Estadual Professor Vicente Lopes Perez.

Um ponto muito importante que ADOS comentou foi em relação a falta de interesse dos alunos e dos pais em relação a educação. Outra de nossas entrevistadas, a professora ALTF, também concorda com isso, afirma que “uma das maiores dificuldades da época era a infrequência dos alunos e o desinteresse da família.” (ALTF, 2012) Infelizmente esses problemas não mudaram muito, antigamente os pais e os alunos não sabiam o que era educação e a sua importância, hoje muitos sabem, mas não valorizam as oportunidades que tem. Os alunos não valorizam a escola porque tem “conhecimento” na internet e acham que isso basta, esquecem que o estudo deve ser levado a sério, que é na escola que se desenvolve a convivência sadia entre os colegas e o respeito ao professor, preparando-os para serem bons profissionais independente da área escolhida. Do outro lado estão os pais que, na correria do dia a dia, acabam transferindo as suas responsabilidades para o professor e para a escola.

Em relação ao trabalho do educador daquela época, podemos fazer uma ponte entre esses momentos. Antigamente os professores podiam se dedicar mais ao seu trabalho, aprofundavam-se mais nas dificuldades das crianças, em muitos casos as professoras davam aulas de reforço em suas próprias casas no horário extra da escola ou buscavam alternativas para ensinar durante o intervalo do recreio, após o horário da aula, etc. podemos afirmar como era essa situação por meio da fala de outra entrevistada - a professora MTFD: “Aluno com problema de aprendizagem, despendíamos esforços, buscando alternativas diversificadas, no período do recreio, após a merenda e distribuição da sopa, após o horário da aula e muitas vezes com assistência em nossa própria casa.” (MTFD, 2012)

Percebe-se que, atualmente, o professor, na maioria das vezes, não consegue fazer seu trabalho com tanto afinco. O maior problema da educação de hoje é a falta de tempo,

tempo de se profissionalizar, tempo para se preparar para as aulas, tempo de ensinar, tempo de aprender, tempo de olhar para seu aluno como ser que precisa da sua ajuda para desabrochar.

As lutas são muito grandes e cansativas para todos que desejam mudar, crescer, mas quando ADOS fala da sua profissão e de tudo o que passou os seus olhos brilham, e ela afirma que sorri porque sente a alegria do dever bem cumprido e que isso a deixa verdadeiramente feliz e completa.

2.3 Entrevistada 3: Mércia Toledo Fernandes Dumont (MTFD)

MTFD nasceu em Monte Carmelo, no dia 15 de dezembro de 1940, desde muito pequena já podia perceber que a educação sempre faria parte de sua vida, pois é filha de outra educadora e uma de nossas entrevistadas - ALTF. Sempre estudou em Monte Carmelo e aos 15 anos iniciou seu curso de Magistério no Colégio e Escola Normal Nossa Senhora do Amparo, concluindo-o em 1959. Anos mais tarde formou-se em Pedagogia com habilitação em Administração Escolar e Professor de Matérias Pedagógicas de 2º grau, Filosofia, Sociologia, Psicologia da Educação, habilitações que adquiriu no período de 1975 a 1977 na Faculdade de Ciência e Letras, localizada em Patrocínio-MG, na qual estudou junto com sua mãe.

Segundo Paixão e Paiva (2000), a educação em Minas Gerais no período em que MTFD estava concluindo o Curso Normal, passava por uma grande modificação. Em 1956, o então Presidente da República Juscelino Kubitschek e o Ministro da Educação e Cultura Clóvis Salgado, assinaram um acordo entre o nosso país e os Estados Unidos que visava a constituição de um programa de assistência Brasileiro-Americana ao Ensino Elementar. Esse projeto tinha o objetivo de analisar o ensino primário que mostrava grande número de desistências e de repetência que eram considerados como entrave para o desenvolvimento da educação gratuita e obrigatória no país. Mas, para isso acontecer era preciso qualificar os professores, que na sua maioria eram leigos. (PAIXÃO; PAIVA, 2000, p. 105-119)

A metodologia de ensino da época ainda era muito baseada no ato de decorar para aprender, tanto para o ensino infantil quando para os cursos normais. MTFD comenta que: “Cumpria-se um currículo rígido de transmissão de conhecimentos e informações com base na velha metodologia de perguntas e respostas que eram cobradas nas provas.” Logo,

a “habilidade de decorar para, posteriormente, saber de cor as etapas do trabalho, eram mais necessárias que a de aprender”. (MTFD, 2012)

A entrevistada atuou por 50 anos na rede educacional de Monte Carmelo, entre os anos de 1960 a 2010, trabalhou em diversos cargos desde Professora regente de turmas de 1º ao 4º ano, na Escola Estadual Letícia Chaves até Inspetora de Ensino na S.R.E⁵, cargo no qual aposentou-se compulsoriamente aos 70 anos de idade.

A educadora começou a ser professora muito cedo, ela nos contou que sua primeira experiência foi com uma turma de alunos do 1º ano, que nunca tinham frequentado a escola antes, e segundo ela: “uma grande maioria não conheciam a experiência de manejar sequer um lápis preto.” (MTFD, 2012) A falta de experiência era muito grande e isso a deixava muito receosa, ela nos conta que “as metodologias não mudavam muito, o método global era o mais usado e que a sua formação no curso de magistério foi muito importante para interagir com os alunos na sala de aula.” (MTFD, 2012)

Segundo MTFD, infelizmente as maiores dificuldades enfrentadas pelos professores se repetem em várias épocas, entre elas estão a desvalorização do trabalho do professor pela família e pelos próprios alunos, falta de recursos didáticos e a distância imposta pela S.E.E.⁶ de forma centralizadora. Em contrapartida, a relação entre os colegas de profissão e os próprios alunos era muito respeitosa, muitos professores tentavam envolve-los com a escola em visitas extra turno, mas elas aconteciam em ocasiões raras. Outra de nossas entrevistas, MGS, nos faz refletir sobre a diferença da relação entre pais e a escola hoje em dia: “Na relação família-escola, acredito que houve uma grande evolução nos tempos atuais, pois o nosso relacionamento se restringia a sala de aula e reuniões, as chamadas Pais e Mestres”. (MGS, 2012) A convivência com os alunos cria vínculos muito fortes, MTFD relembra um momento muito triste na vida pessoal: “Na perda do ente querido, meu marido, a solidariedade dos alunos, o apoio e compreensão respeitando a minha dor, facilitando o meu trabalho em sala de aula, na maior demonstração de respeito e carinho ao sentimento alheio”. (MTFD, 2012)

Falando sobre a educação atual, MTFD destaca que a escola brasileira passa por grandes desafios, principalmente, pela comparação dos níveis educacionais mundiais e cita que um ponto negativo da globalização, foram as mudanças de governo e da descontinuidade de ações e projetos. Por meio do seu árduo trabalho na S.R.E. de Monte

⁵ S.R.E.: Nova denominação da D.R.E. que significa Superintendência Regional de Ensino.

⁶ S.E.E.: Secretaria de Estado da Educação

Carmelo, ela teve um contato muito importante com esses projetos. MFTD acompanhou a criação, a implantação e o desenvolvimento dos primeiros trabalhos da Superintendência, a carência de espaço, de recursos e até mesmo a falta de experiência foram aspectos que dificultaram muito o trabalho de toda a equipe, mas nos fala que o “excesso de boa vontade conseguiu superar as dificuldades, pois a responsabilidade era muito grande, além de Monte Carmelo, outros oito municípios eram assistidos pela Superintendência Regional de Ensino.” (MTFD) Ela destaca a seguir as maiores conquistas: “Transformar a cidade num pólo regional educacional abrindo espaço para novas conquistas. O desenvolvimento do trabalho eficaz que garantiu a permanência da S.R.E. em nossa cidade, constantemente ameaçada na época por interesses de terceiros na sua transferência.” (MTFD, 2012)

Um dos maiores desafios enfrentados durante o seu trabalho na S.R.E, foi a promulgação da Lei 9394, de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) que, com seus objetivos diversos, “espelhou os inúmeros desafios que vislumbramos pela frente. Com toda mudança gerou muito trabalho e tempo para que sentíssemos os primeiros reflexos no trabalho dos professores e conseqüentemente nos alunos”. Estes resultados só foram possíveis “através dos inúmeros programas de capacitação ofertados pela SEE/SRE.” (MTFD, 2012)

Segundo MTFD a relação entre a S.R.E., as escolas locais e a Secretaria de Educação localizada em Belo Horizonte, eram marcadas pelo respeito mútuo, sendo que o objetivo principal era realizar o melhor trabalho, buscando a excelência em relação a educação mineira. O trabalho foi muito grande, mas para MFTD as recompensas são vistas atualmente. Ela comenta que “hoje o ensino da nossa cidade melhorou de qualidade, existem faculdades que oferecem cursos diversos que visam atender a demanda local e regional” e, segundo ela, “esse desenvolvimento confirma o bom trabalho realizado pela equipe inicial da D.R.E. e pelos atuais integrantes da S.R.E. de Monte Carmelo.” (MTFD, 2012)

2.4 Entrevistada 4: Adegmar Lemos de Toledo Fernandes – Dona Duquinha (ALTF)

ALTF começou sua trajetória educacional juntamente com a própria história da educação da cidade. Atualmente com 94 anos de idade, ALTF nos mostra por meio das suas palavras que o verdadeiro educador nunca deixa de se emocionar quando relembra seu trabalho na escola.

Nascida no dia 18 de junho de 1917, em um pequeno povoado próximo da cidade que hoje é conhecido como Pedrinópolis - MG, ALTF começou seus estudos aos 07 anos de idade naquele local, depois foi estudar na cidade de Araxá, concluindo seu curso Normal em 1935. Voltou aos estudos anos mais tarde, terminando Pedagogia com habilitação plena nas áreas de Filosofia da Educação, Sociologia da Educação e Administração Escolar, em 1978, na Faculdade de Ciência e Letras, localizada em Patrocínio-MG.

ALTF atuou por 32 anos, sendo que 12 anos como professora primária no Grupo Escolar Melo Viana e 20 anos como diretora na Escola Estadual Padre César, aposentando-se em 1984. Ela nos conta que o começo da carreira sempre é muito difícil: “Minha primeira experiência profissional foi no Grupo Escolar Melo Viana, em 1937, tive medos... não tínhamos orientadora, o programa de ensino era resumido, ou seja, alfabetização e ensino da matemática”. (ALTF, 2012) Esse fato nos chama atenção por mostrar como a estrutura educacional do nosso país já demonstrava desordem desde aquela época, e como é importante investir na capacitação dos profissionais da área educacional.

Prates (2000, p.68) declara que o método de alfabetização usado era o Método de Silabação, método esse que trabalha a aprendizagem das partes as (letras) para o todo (frases ou até textos), mais tarde foi introduzido o Método Global que tem a metodologia contrária do silábico. Nele a aprendizagem começa a ser desenvolvida do todo (frases, textos) para as partes (letras) em todo o estado. Neste período a educação mineira passava por modificações na gestão política, a principal concepção era fazer com que o ensino fosse agradável e para isso foram construídos mais prédios escolares, ressaltava-se a organização dos horários, os aspectos relacionados a higiene, trabalhos manuais, exercícios físicos, músicas e, principalmente, o ensino não era mais baseado na memorização dos conteúdos, mas sim no método intuitivo, que levava em consideração como o conteúdo deveria ser transmitido para que as crianças tivessem uma aprendizagem significativa.

Segundo Veiga (2000, p. 53), circulavam nas revistas educativas deste período, ilustrações de tinham o objetivo de mostrar esse novo momento que a educação em Minas Gerais estava vivendo, para demonstrar a escola antiga a figura continha um professor com fisionomia carrancuda, com a palmatória na mão e uma criança acuada com as mãos para traz, já do outro lado, para representar a escola moderna a figura era de uma professora, bem vestida, com uma fisionomia sorridente, com um aluno agarrado ao seu vestido e outro gesticulando tranquilamente com ela.

Em seu relato ALTF nos fala da grande dificuldade que as crianças e os próprios pais encontravam em valorizar e entender a importância da escola na vida deles. No início do século XX as crianças quando iam a escola, estudavam por poucos anos, bastava aprender a ler e a escrever, outro fator que desmotivava os alunos era o preconceito que muitos sofriam na escola, acreditava-se que somente os filhos de pais ricos deveriam frequentá-la. Vendo isso, ALTF decidiu fazer um projeto que valorizava as qualidades dos alunos, para que assim eles pudessem aprender que independente da classe social, todos eram especiais e deveriam ser respeitados. Por conta dessa relação de carinho entre ela e os seus alunos, a professora era muito respeitada e querida na escola, ela nos contou sobre um fato triste que aconteceu durante suas aulas: “O fato mais marcante de minha vida profissional, tanto como professora e como ser humano, foi quando um aluno recebeu em sala de aula a notícia do falecimento de sua mãe. A sua dor, seu desespero, até hoje estão gravados em minha memória”. (ALTF, 2012) Por meio desse pequeno depoimento, podemos observar e confirmar que o papel de professor não se fixa dentro das paredes da sala de aula, vai muito além, envolve muitos sentimentos e, principalmente, o amor ao próximo.

Em relação a educação atual, a professora fala que hoje conta-se com mais recursos materiais, didáticos e professores melhor preparados, além do grande avanço tecnológico. Mas em muitos pontos é necessário ter muito cuidado, porque da mesma forma que eles podem ajudar, se usados de maneira incorreta, podem atrapalhar muito a educação das crianças. Muitas destinam seu tempo envolvidas em jogos e programas não recomendados para as suas idades, afastando-as o convívio familiar e social, dificultando muito a construção do próprio ser humano.

2.5 Entrevistada 5: Marta Gama dos Santos (MGS)

MGS foi professora por 32 anos, também participou do rol de educadores que fizeram e fazem parte da história da educação em Monte Carmelo. Nascida na cidade de Estrela do Sul, em 19 de agosto de 1949, começou seus estudos aos 07 anos na Escola Tibúrcio Gama na zona rural, continuando as séries iniciais em Monte Carmelo, na Escola Estadual Melo Viana e, por fim, cursando o Curso Normal no Colégio Nossa Senhora do Amparo. MGS também estudou no colégio Nossa Senhora de Fátima, em Brasília, em 1970, formando-se na área de Língua Portuguesa sendo habilitada para atuar de 1ª a 6ª série. Apaixonada pela educação, ela não deixou de se profissionalizar, em 1978 concluiu o

curso de Letras com Habilitação em Português e Inglês e, mais tarde, Pedagogia com habilitação em Magistério, Administração Escolar, Supervisão Escolar e Orientação Educacional e finalizando com Especialização em Didática do Magistério. “O sonho do curso superior era Direito, mas aos poucos ficou para trás, dando espaço maior ao amor pela educação” (MGS, 2012).

Nos 32 anos dedicados a educação, trabalhou em áreas diferentes, variando entre sala de aula e cargos administrativos, entre eles de professora de 1ª a 4ª série na E. E. Letícia Chaves, professora de Língua Portuguesa na E. E. Professor Vicente Lopes Perez, Técnico em Educação na implantação da S.R.E de Monte Carmelo, trabalhando juntamente com outros profissionais (inclusive as entrevistas MTFD e MIC) e Diretora na E. E. Professor Vicente Lopes Perez

MGS destacou que todas as experiências foram importantes, mas a primeira e maior aconteceu na Escola Estadual Letícia Chaves como professora de alfabetização: “foi quando descobri a vontade de aprender para ensinar.” (MGS, 2012). Ela destaca que os métodos de ensino usados eram o global, o silábico entre outros, mas o melhor método era aquele usado no momento certo, na hora certa e com o aluno certo: “Penso que a metodologia não fugia muito da realidade de hoje. Com certeza de que somos educadores construindo a estrada rumo a um fim.” (MGS, 2012).

Um dos momentos mais marcantes da entrevistada, segundo ela, foi a primeira greve dos professores da rede estadual no ano de 1979, foram 79 dias de paralisação geral, reivindicando plano de carreira, melhores salários etc. Este movimento grevista se fez possível por que o momento geral do Brasil era de reivindicações – buscávamos sair dos governos militares, implantados no país a partir de 1964. Vários movimentos reivindicatórios foram implementados por setores profissionais diversos, buscando tanto a melhoria salarial quanto a redemocratização do país; estas manifestações culminaram com a eleição indireta de Tancredo Neves, em 1984.

A partir dos anos 1980, segundo Rodrigues (2000), por conta da nova Revolução Industrial mundial e dos movimentos sociais inovadores (trabalhistas, feministas, sexuais etc.), a educação se tornou um assunto importante das políticas públicas, começaram as grandes discussões sobre os temas: cidadania, direitos e deveres do cidadão, relações internacionais e identidade, por conta disso, a educação brasileira se viu “obrigada” a discutir sobre esses temas nas salas de aulas, com o objetivo de preparar as crianças para a sociedade. A abertura política propiciou que, para além das discussões sobre conteúdos e

metodologias, outras medidas fossem tomadas em Minas e no Brasil como: a criação de mais escolas que atuassem com o Ensino Médio, ingresso de professores por concurso público, eleições para diretores de escola, criação dos colegiados escolares, repasse da verba da merenda diretamente para as escolas, entre outras.

MGS fala que a relação entre colegas de trabalho, direção da escola e as próprias famílias dos alunos era diferente: “Era mais distante, porém, mais respeitosa, mais profissional” (MGS, 2012). Em relação à educação atual, afirma que “a educação hoje transcorre junto a atualidade, costumava dizer junto aos colegas são mudanças do tempo, trabalhei três décadas, participei de momentos diferenciados a cada década, penso por assim dizer é como a nossa vida pessoal, passamos por ciclos.” Isso porque, segundo a entrevistada, a educação “é dinâmica, contínua e global, atenta e cuida para que seus seguidores tenham no decorrer deste caminho uma nova visão do mundo” que permite aos professores “alçarem um perfil que o inclua no círculo de profissionais da sociedade e que seu desempenho seja de qualidade e responsabilidade.” (MGS, 2012).

MGS atuou também na implantação da Delegacia Regional de Ensino (D.R.E) em Monte Carmelo. Vale ressaltar que, até a implantação da D.R.E. em Monte Carmelo, respondíamos a D.R.E. de Uberlândia, o que dificultava o atendimento das necessidades da cidade e região, assim como tornava moroso o processo de implantação de projetos e ações educacionais.

Segundo a entrevistada, as dificuldades foram muitas, ela afirma que os treinamentos em Uberlândia e em Belo Horizonte eram exaustivos, mas o esforço foi válido e aponta que, ao iniciar suas atividades na D.R.E. tinha “outras 14 colegas” e que “aos poucos as coisas foram clareando e fomos aos poucos descobrindo os novos conhecimentos e ao longo do tempo dominando o trabalho, adquirindo habilidades e competências.” Segundo ela as “mudanças foram acontecendo, de professora regente para assessora de gabinete, tive o privilégio de estudar e aprender muito relacionando assim: S.R.E., Escola, Município, Estado e Governo Federal.” (MGS, 2012).

Em sua entrevista, deixa transparecer o quanto a vinda da D.R.E. para a nossa cidade foi importante, dinamizou o trabalho educacional que antes era voltado somente para a cidade de Belo Horizonte, facilitando a relação entre as escolas de Monte Carmelo e região com os órgãos mais próximos ao governo e por consequência a cidade começou a se desenvolver mais e a se destacar no Estado. Atualmente, Minas Gerais conta com 45 S.R.E.. Fazem parte S.R.E. de Monte Carmelo as localidades de Abadia dos Dourados,

Cascalho Rico, Coromandel, Douradoquara, Estrela do Sul, Grupiara, Monte Carmelo e Romaria.

2.6 Entrevistada 6: Jeane de Fátima Carvalho Diniz (JFCD)

JFCD nasceu na cidade de Estrela do Sul, em 1º de Janeiro de 1952, atuou como educadora por 30 anos em Monte Carmelo, sendo que destes, 22 anos foram dedicados a Escola Estadual Gregoriano Canêdo, trabalhando como vice-diretora por 01 ano. Além disso, ela também fez parte do corpo docente da FUCAMP por 05 anos e os 03 anos restantes trabalhou em outras escolas.

Iniciou seus estudos aos 07 anos de idade, no Grupo Escolar Melo Viana, sua formação profissional começou anos mais tarde, em 1967, no Colégio Nossa Senhora do Amparo no curso de Magistério: “Era uma formação profissional e procedimentos muito rigorosos e mais amplos que os atuais”. (JFCD, 2012) Em 1972, formou-se no curso de Letras: “Nessa época ainda exigia-se o domínio da língua culta, leitura dos clássicos e muito preparo para ser professor”. (JFCD, 2012) A entrevistada não deixou de se capacitar fazendo pós-graduação na área educacional no Colégio Salesiano e em Cinema e Literatura em sala de aula pela Unitri, em Uberlândia.

Os medos do começo de carreira são muito parecidos para todos os profissionais que tem responsabilidade sobre o seu trabalho, não sendo diferente com a entrevistada: “Difícil, um certo descontrole emocional, o que é natural, e o grande medo de não ser capaz.” (JFCD, 2012) Os recursos didáticos eram poucos, como ela própria nos conta, “Usávamos os disponíveis: livro a ser seguido, giz, lousa e muito falar... naquela época como atualmente a maior dificuldade encontrada pelo professor (todos) é o desinteresse por parte do aluno.” Ela afirma que as “teorias no papel são várias e até hoje o nosso sistema educacional ainda não viu uma saída viável para o aluno problema.” (JFCD, 2012)

Os alunos considerados “problema” sempre existiram e existirão, a diferença é que hoje a escola tem o dever de entender esse aluno, levando-o a uma mudança benéfica no seu comportamento. Mas, infelizmente, muitas das vezes o problema maior não está na escola, mas sim em casa, muitos pais estão deixando a sua responsabilidade de educar totalmente para a escola. O educador nesse caso é aquele que está mais próximo do “problema” e, juntamente com a instituição escolar, precisa criar estratégias para alcançar esse aluno, por isso a importância de auxiliar os professores no campo formativo educacional pois, mais do que nunca, hoje é na escola que muitas crianças aprendem a ser

cidadãos.

A entrevistada também viveu situações difíceis para todo professor, as greves por melhores condições de trabalho, salário etc. “A sempre e velha história o aumento de salário, entre outras reivindicações. Terminou como sempre: o total descaso do governo estadual. Eu também reivindicava o mesmo que todos, apesar de achar que a greve não é o melhor método.” (JFCD, 2012) Apesar dos percalços enfrentados, ela relembra da convivência respeitosa entre os colegas de trabalho e os próprios alunos: “não me lembro de um momento específico, foram vários e todos muito singulares; sempre consegui da melhor forma possível resolvê-los, pois, fiquei 30 anos no magistério.” JFCD diz ainda que sente “saúde do aconchego, da troca de experiências, das perguntas dos alunos (quando havia), mas sinto plenamente realizada na área profissional e se errei foi tentando acertar, aproveito e peço desculpas pelos erros.” (JFCD, 2012)

Libâneo (2004) nos faz refletir sobre a atividade profissional do professor, ele afirma que “podemos entender, pois, a atividade profissional do professor como uma atividade definida cultural, social e historicamente; ou seja, é uma atividade socialmente situada”, daí que “os próprios professores aprendem no contexto de trabalho em parceria com seus colegas, na dependência de estruturas de organização e gestão...” (LIBANEO, 2004 apud CAMPOS, 2009, p. 140)

Após tantos anos de experiência educacional, perguntamos a entrevistada sobre a educação atual, e ela destaca que os problemas educacionais convivem atualmente com uma série de fatores negativos que não mais podem ser ignorados: “Inércia da sociedade em relação à escola, os pais acabam transferindo as suas responsabilidades, professores mal remunerados, o que causa o descontentamento, desinteresse e falta de esforço do aluno.” Mas, por outro lado, hoje, “o professor está procurando se aperfeiçoar (mestrado, doutorado, etc.) para melhor suprir as necessidades do alunado. Não vejo grandes diferenças no ensino de ontem e no de hoje: apenas os métodos se aperfeiçoaram, mas o conteúdo basicamente é o mesmo.” (JFCD, 2012)

Sobre a educação atual, não poderíamos deixar de comentar sobre a participação da entrevistada no corpo docente da própria FUCAMP e seu cargo de sócia fundadora. Ela relata que participou da construção da Fundação por meio do seu pai, e que as maiores dificuldades enfrentadas eram “a falta de apoio e de credibilidade neste projeto tão audacioso para uma cidade de porte médio, como é Monte Carmelo.” (JCDF, 2012) E foi “graças aos esforços de muitos” que “hoje a FUCAMP é uma Fundação consolidada,

valorizada em nossa cidade e em toda a região, isso mostra que todo esforço para abrir esse caminho educacional valeu a pena.” Com relação ao futuro da instituição ela afirma que acredita que “nos próximos anos poderemos acrescentar novos cursos, como medicina, engenharia civil, etc. A nossa meta é crescer e abrir novos horizontes.” (JFCD, 2012)

2.7 Entrevistada 7: Maria Imaculada Canêdo (MIC)

MIC é carmelitana, nasceu no dia 08 de dezembro de 1943. Em 1950 iniciou seus estudos na Escola Estadual Melo Viana, em 1958 começou seu Curso Ginásial no Colégio e Escola Normal Nossa Senhora do Amparo, no ano seguinte na mesma escola ela cursou o 1º ano do Curso de Magistério conhecido também como Curso Normal. Nos anos de 1960 e 1961, MIC terminou o seu curso de magistério no Colégio Nossa Senhora da Graças em Patos de Minas, cidade na qual ela e seus familiares residiram até 1971, retornando neste ano para Monte Carmelo.

Sobre sua formação como professora, a entrevistada relata que “aprendia-se de tudo durante o curso, teoria, conhecimentos gerais ao lado da parte prática: teatro-canto orfeônico, recreação com jogos, apresentação de ginástica rítmica, jograis, etc.,” até mesmo “trabalhos manuais, onde aprendíamos desde o simples “pregar botões” ao tricô, crochê, bordados e formação moral e religiosa também eram muito trabalhadas.” (MIC, 2012)

MIC também é graduada em Ciências Físicas e Biológicas, com Licenciatura Plena, iniciou seu curso em 1975 e o concluiu em 1978, na cidade de Patrocínio. “Embora fosse uma faculdade com pouco tempo de existência, a instituição não média esforços para nos suprir, aliando a teoria com a prática.” (MIC, 2012) Além da graduação participou de vários cursos de especialização e treinamento. A experiência profissional de MIC é extensa e variada, no decorrer dos 38 anos dedicados a educação ela atuou em várias áreas, podemos citar: professora das séries iniciais, de Educação física, de Educação Religiosa, de Ciências em séries variadas; supervisora regional de MOBREAL⁷ (1971); vereadora municipal em Monte Carmelo (1982-1985); entre 1987 a 1999 foi a Delegada de Ensino da 34ª Delegacia Regional de Ensino de Monte Carmelo e, atualmente, é sócia fundadora, membro do Conselho Diretor e Vice-Diretora da FUCAMP.

Podemos observar que a entrevistada sempre esteve intimamente ligada a educação

⁷ MOBREAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização, criado pela Lei nº 5.379, de 1967, com o objetivo de promover a alfabetização funcional de jovens e adultos.

municipal, trabalhando em vários cargos diferentes e em alguns períodos em mais de um cargo. Mas, MIC relembra do seu primeiro grande desafio, a sua primeira experiência como professora regente. Ela relata que sua primeira experiência como educadora foi na cidade de Patos de Minas: “lá me deparei com uma sala de 20 alunos com as mais variadas deficiências, principalmente na área da aprendizagem. Conseguir atrair a atenção desses alunos era um desafio”. A escola na qual atuava era “pobre, não havia nenhum material didático, nenhum conforto. Esses alunos deveriam ter sido destinados a APAE⁸, mas nesta época não havia esse tipo de escola especial em nossa cidade.” Para a entrevistada seu maior “medo era o de marcar negativamente estas crianças com a minha inexperiência, felizmente fui tranquilizada pela então diretora da escola.” (MIC, 2012)

Um fato importante, que foi pontuado pela entrevistada, eram os métodos que variavam muito por causa da falta de material didático e, principalmente, a forma autoritária como os mesmos eram enviados às escolas pelos governantes do Estado, “era enviado pela Secretaria de Estado da Educação um programa a ser seguido em módulos, a ser cumprido em um tempo determinado.” Para MIC este era o “grande vilão da época, pois não considerava as diferenças culturais e regionais dos alunos. Métodos escolhidos na capital não atendiam a nossa realidade.” (MIC, 2012)

Conforme Rodrigues (2000) esse modelo metodológico era influenciado pelo regime autoritário vivido na época, os governos militares pós-1964, o objetivo principal deste projeto de ensino, não era a aprendizagem, mas sim a formação de pequenos cidadãos que respeitassem e “entendessem” porque aquele regime de governo era importante e correto já que “do ponto de vista moral, deveria garantir a adesão dos jovens, e afastá-los dos “perigos” representados pelas “doutrinas alienígenas” vinculadas ao pensamento marxista ou identificados como idéias defendidas pela esquerda brasileira”. (RODRIGUES, 2000, p.125)

Falando agora sobre a relação entre professor e aluno, podemos identificar uma visão humanista da educadora quando ela afirma que o respeito “exagerado” e a obediência “extrema” acabaram por inibir o desenvolvimento da iniciativa, da criatividade e da autoafirmação como pessoa do próprio aluno. “Muitas vezes ele (o aluno) não tinha direito de escolha, tinha medo de mostrar sua opinião.” (MIC, 2012) Este fato demonstra a falta de autonomia dos alunos, pois os exercícios, as brincadeiras, enfim, todas as atividades

⁸ APAE – Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais.

escolares eram sempre organizadas de maneira metódica. A organização escolar é muito importante, mas precisa-se pensar na formação moral do aluno e para isso é necessário deixá-lo mostrar suas próprias opiniões, para que assim o professor possa direcioná-los ao caminho mais adequado, tornando a aprendizagem mais significativa e interessante. É o que a educação atualmente defende.

Para falar sobre a relação entre as famílias dos alunos e a escola, ela faz um quadro demonstrativo das décadas de 1970 a 80, evidenciando as mudanças de comportamento ocorridas durante o passar dos anos, na década de 1970, “a relação era resumida nas reuniões para a apresentação dos alunos e do rendimento escolar e datas comemorativas, como festas juninas, dias dos pais, etc.”. Já na década de 1980 “as famílias começaram a participar mais, principalmente as mães, passaram a frequentar a escola para tomar conhecimento do comportamento e da aprendizagem dos seus filhos.” (MIC, 2012)

A entrevistada destaca também a influência da globalização, principalmente a partir da década de 1990 até hoje, que trouxe modificações significativas na vida das pessoas, em especial no que se refere a tecnologia e que estas “transformações ocorreram tecnicamente, mas... mudar, transformar pessoas não foi tarefa fácil.” Para ela a missão da educação “não se resume em fornecer conhecimentos, mas sim, em educar seres pensantes, com capacidade de criar e modificar o meio em que vivem.” (MIC, 2012)

Voltemos agora, ao ano de 1987 que foi muito especial, pois trouxe o desenvolvimento da área educacional de Monte Carmelo, com a implementação da 34ª Delegacia Regional de Ensino – D.R.E. MIC foi nomeada para ser a primeira Diretora da D.R.E, ela comenta que o trabalho foi árduo, pois a falta de experiência era total, mas graças a imensa ajuda de todos os colaboradores e profissionais que trabalharam muito, principalmente nesta época, a implementação foi concluída com imenso sucesso. Segundo MIC a D.R.E. começou com 15 funcionários e ela como gestora delegou competências e acreditou no potencial da equipe. Equipe que foi a “chave mestra do nosso trabalho e de tantos sucessos.” Neste início de percurso a D.R.E. enfrentou muitas dificuldades: “falta de estrutura física adequada, falta transporte para as visitas escolares aos municípios a nós jurisdicionados, falta de recursos financeiros, de imobiliário adequado, etc.” A entrevistada ainda aponta que “a ajuda da Prefeitura, dos nossos representantes políticos, da equipe e de suas famílias foi de um valor inestimável.” (MIC, 2012)

A entrevistada MGS, foi uma das profissionais que participou de maneira íntima de todo esse processo de implantação e desenvolvimento da D.R.E. e em seu depoimento

comentou que: “no começo tudo era muito difícil, estávamos no escuro, mas com o passar do tempo e dos cursos realizados principalmente em Belo Horizonte e Uberlândia, conseguimos nos profissionalizar e, por consequência, realizar o nosso trabalho da melhor maneira possível.” (MGS, 2012)

MIC, não deixa de citar a extrema importância da ajuda que a então 26ª Delegacia Regional de Ensino de Uberlândia ofereceu a toda equipe, por meio de cursos, treinamentos e palestras que eles participavam, todo esse esforço tinha um único objetivo, qualificar o pessoal da D.R.E de Monte Carmelo. “Foram centenas de cursos ministrados por grandes nomes da área educacional, a convivência por mais de uma década com representantes das regionais nos fizeram crescer e conhecer diferenças enormes oriundas de sua posição geográfica [de cada D.R.E.]” (MIC, 2012)

Ela nos chama a atenção para a influência das mudanças governamentais que ocorreram no país e no estado ao longo do tempo que atuou como Diretora da D.R.E., por consequência a área educacional também sofreu muito: “as mudanças são necessárias, mas a troca normal de governantes refletiu em todo o nosso trabalho, projetos em andamento, planejamentos em fases adiantadas sofriam interrupções e até paralisações... concluí que todo ser humano é resistente a mudanças”. (MIC, 2012) Algumas mudanças foram negativas, mas também ocorreram as positivas e MIC destaca uma grande mudança benéfica, referente a merenda escolar. “O Estado através da S.E.E. passou a repassar a verba específica da merenda para a Caixa Escolar⁹ e as compras passaram a serem feitas nos próprios municípios, antes as escolas recebiam produtos industrializados.” (MIC, 2012)

A entrevistada esteve no cargo de Diretora da D.R.E. por 12 anos, o seu esforço e de todos os que participaram nesse projeto, trouxeram inúmeras consequências positivas para a cidade, tanto no campo educacional, como econômico e social, pois todo o trabalho que envolve a educação reflete em várias esferas. O trabalho de MIC e de toda a sua equipe, se tornou uma base forte para a construção de um antigo sonho de Mário

⁹ Caixa Escolar – é um instrumento de gestão democrática escolar, com personalidade jurídica própria, que tem como objetivo gerenciar os recursos financeiros emitidos pelo Estado para melhoria e manutenção da educação. A legislação atual prevê que os membros da Caixa sejam eleitos democraticamente entre os vários segmentos da escola (professores, alunos, pais e outros funcionários) e sua presidência exercida pelo diretor escolar.

Palmério¹⁰, a criação de uma fundação de ensino que atendesse a cidade de Monte Carmelo e região, transformando-a em um pólo educacional e modificador na comunidade. Este sonho se tornou realidade e foi o pontapé inicial da FUCAMP (Fundação Carmelitana Mário Palmério), criada em 15 de novembro de 1997. A FUCAMP teve sua origem no Campus IV da UNIUBE que se instalou em Monte Carmelo em 1990 e, foi integrado pela FUCAMP a partir do desejo da direção da UNIUBE que a estrutura montada passasse a comunidade carmelitana. MIC é um dos 57 sócios fundadores da faculdade, faz parte do seu Conselho Diretor e, na gestão atual, é vice-diretora da FACIHUS/FUCAMP.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa buscou, mesmo que minimamente, mostrar alguns vislumbres sobre a história da educação de Monte Carmelo, pois a educação é uma das chaves principais para o desenvolvimento de uma localidade e esse trabalho interfere em todas as outras áreas, como econômica, cultura e social. No decorrer do desenvolvimento deste projeto, percebemos que a cada nova pesquisa, entrevista e criação dos textos a história pessoal e profissional das educadoras se mistura com a história da cidade e suas ações, práticas e fazeres refletem-se na educação atual. Como ex-aluna das escolas de Monte Carmelo, relembrei e relacionei os passos como aluna, com o momento vivenciado por essas professoras na época. Essa vivência me fez refletir tanto no campo profissional, como futura pedagoga, quanto no pessoal, pois o esforço, trabalho e garra que elas demonstraram e demonstram é um exemplo de profissionalismo e de vida para qualquer pessoa. Reforçando assim o conceito da profissão de educador, que abrange não só a sala de aula, ou a escola, mas sim a vida dos que convivem no e fora do espaço escolar. Uma vez educador, sempre educador mesmo que já esteja aposentado a muito tempo (como algumas das entrevistadas) o profissional não perde contato com a área e ainda se preocupa com a formação que é dada nas escolas.

No decorrer das entrevistas e da construção dos textos deste projeto, nos deparamos muitas vezes com relatos sobre a formação acadêmica que os entrevistados tiveram acesso. Percebemos que as mudanças mais bruscas, aconteceram devido as mudanças políticas

¹⁰ Mário Palmério nasceu em Monte Carmelo, em 1916. Escritor, político e fundador da UNIUBE (Universidade de Uberaba), sua ligação com Monte Carmelo se consolidou com a vinda do Campus da UNIUBE para a cidade. Um ano após deu falecimento (1996), surge a Fundação Mário Palmério que gerencia a Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (FACIHUS).

nacionais e internacionais. Outro tópico que se sobressai nas entrevistas é a questão da formação acadêmica para atuar como professor. As entrevistadas se enquadram na perspectiva histórica de que o magistério era uma profissão vista como feminina e, algumas ainda viveram a época em que ser normalista era uma distinção social, trazia prestígio e só era acessível aos grupos sociais dominantes. As nossas entrevistadas, em primeiro plano, cursavam o Curso Normal ou Magistério – no nível de Ensino Médio, no qual aprendiam as técnicas para serem professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental e só foram cursar o Ensino Superior depois de já atuarem como educadoras.

Durante as entrevistas, vários foram os relatos de histórias dos próprios educadores, sobre ex-alunos ou ex-colegas de trabalho que falam sobre as experiências vivenciadas dentro de sala de aula e o que aquele fato mudou em sua vida pessoal e profissional. O que reforça o papel que o professor tem na comunidade e como a sua relação com o aluno não se restringe a escola, mais alcança toda a sociedade. Além disso também nos mostra que a relação professor/aluno é um via de mão dupla, o professor não está ali apenas ensinando mas também aprende com o convívio com seus alunos.

Um último fator a ressaltar é a importância que todas percebem na vinda da Superintendência Regional de Ensino e na criação da FUCAMP como marcos no desenvolvimento e melhoramento da educação não só em Monte Carmelo mas na região. O fato de termos um órgão como a S.R.E. agilizou mudanças, trouxe projetos e possibilidades de se fazer uma educação com qualidade. Já a FUCAMP foi e é uma instituição que mostrou o potencial que Monte Carmelo e região tem para gerenciar seu próprio destino, criando novas opções em educação, economia e cultura para a comunidade e seu entorno. A própria vinda recente de um campus da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) para a cidade revela este trabalho incessante dos setores educacionais, políticos, culturais e econômicos em busca de construir novas condições de vida e dignidade para a cidade e região.

4. REFERÊNCIAS

4.1 – Textos

CALDEIRA, Anna Maria Salgueiro. História Oral e saber docente cotidiano. **Cdrom Anais do VI Encontro Nacional de História Oral: Tempo e narrativa**. S.P.: USP/CNPq/ABHO, 28 a 31 de maio de 2002.

CAMPOS, Regina Célia Pereira. Formação Humana: Reflexões sobre educação e trabalho.

COELHO, Maria Inês de Matos. COSTA, Anna Edith Bellico, THOMAZI, Áurea Regina Guimarães. **A educação e a formação humana:** Tensões e desafios na contemporaneidade. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CPDOC - O que é história oral. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral>> Acesso em 02 fev. 2012.

PAIXÃO, Léa Pinheiro; PAIVA, Edil V. de. PABAE, o ensino primário com assistência internacional. 103-119. FARIA, Luciano Mendes de; PEIXOTO, Ana Maria Casasanta (org.) **Lições de Minas:** 70 anos da Secretaria da Educação. B.H.: S.E.E de Minas Gerais, 2000.

PRATES, Maria Helena de Oliveira. A Escola de Aperfeiçoamento: Teoria e Prática na formação de Professores. FARIA, Luciano Mendes de; PEIXOTO, Ana Maria Casasanta. (org.) **Lições de Minas:** 70 anos da Secretaria da Educação. B.H.: SEEMG, 2000, p. 68

RODRIGUES, Neidson. Anos 80: a educação pós-regime autoritário. FARIA, Luciano Mendes de; PEIXOTO, Ana Maria Casasanta (org.) **Lições de Minas:** 70 anos da Secretaria da Educação. B.H.: S.E.E de Minas Gerais, 2000, p. 121-143.

SELBACH, Sinome. **História e Didática.** Petrópolis: vozes, 2010.

VEIGA, Cythia Greive. Escola Nova: a invenção de tempos, espaços e sujeitos. FARIA, Luciano Mendes de; PEIXOTO, Ana Maria Casasanta. (org.) **Lições de Minas:** 70 anos da Secretaria da Educação. B.H.: SEEMG, 2000, p. 48-64.

4.2 - Entrevistadas

ADOS. Curso Normal. 62 anos. Entrevista concedida a Juliani Letícia Azevedo Sousa, em 27 de jan. 2012. MP5, 2 h.

ALTF. Licenciatura Plena em Pedagogia. 94 anos. Entrevista concedida a Juliani Letícia Azevedo Sousa, em 29 de jan. 2012. MP5, 3 h.

GAN. Licenciatura Plena em Pedagogia. 65 anos. Entrevista concedida a Juliani Letícia Azevedo Sousa, em 26 de jan. 2012. MP5, 3 h

JFCD. Licenciatura Plena em Letras, 59 anos. Entrevista concedida a Juliani Letícia Azevedo Sousa, em 28 de jan. 2012. MP5, 2 h.

MIC. Licenciatura Plena em Ciências Físicas e Biológicas. 68 anos. Entrevista concedida a Juliani Letícia Azevedo Sousa, em 31 de jan. 2012. MP5, 2 h.

MGS. Licenciatura Plena em Pedagogia. 62 anos. Entrevista concedida a Juliani Letícia Azevedo Sousa, em 30 de jan. 2012. MP5, 2 h.

MTFD. Licenciatura Plena em Pedagogia. 71 anos. Entrevista concedida a Juliani Letícia Azevedo Sousa, em 29 de jan. 2012. MP5, 2 h.